

ÍNDICE

Prólogo, de Claudio Guillén	13
Aviso ao leitor	17
Introdução	21
Primeira Parte	
A HISTÓRIA DE UM CAVALEIRO ANDANTE	
I – O <i>DOM QUIXOTE</i> , DE MIGUEL DE CERVANTES:	
SINAIS DE IDENTIDADE	35
1. Em Madrid, 1605	35
2. O <i>Dom Quixote</i> e Cervantes no romantismo europeu	43
2.1. Heinrich Heine	46
2.2. Gustave Flaubert	50
2.3. Maria Amália Vaz de Carvalho	54
II – O <i>DOM QUIXOTE</i> E CERVANTES EM PORTUGAL	61
1. De 1605 a 1794 (da primeira edição à primeira tradução)	63
2. De 1794 a 1876 (a tradução dos viscondes de Castilho e de Azevedo com prefácio de Pinheiro Chagas)	77
2.1. A biografia e estudo de Latino Coelho (1853)	79
2.2. O prefácio de Pinheiro Chagas (1876)	82
3. De 1876 a 1905	92
3.1. O poema de Gonçalves Crespo e os poemas e a biografia de Gomes Leal (de 1882 a 1902)	92
3.2. A interpretação de Oliveira Martins (1879)	95
3.3. As comemorações do tricentenário da publicação (1905)	97
4. Dom Quixote «sebastianizado» e Dom Sebastião «quixotizado»	99

III – OS FIOS DA MEADA (I) – CAVALEIROS ANDANTES, AVENTURAS E «SOADAS INVENÇÕES»	107
1. Do <i>Dom Quixote</i> aos livros de cavalarias	108
2. Don Quixote, Caballero de la Mancha: de como um leitor se faz herói de uma vida de novela	111
3. Walter Scott, leitor do <i>Dom Quixote</i> : de como Cervantes foi tido por historiador da cavalaria andante	115
4. Alexandre Herculano, leitor e historiador das «novelas de cavalaria portuguesas»: a recuperação da literatura cavaleiresca	127
IV – OS FIOS DA MEADA (II) – MANUSCRITOS ENCONTRADOS E SÁBIOS HISTORIADORES	141
1. Papéis «achados» que são recursos técnicos	142
2. Cide Hamete Benengeli e o «segundo autor»	149
3. Histórias «que não saem um ponto da verdade»	154
V – OS FIOS DA MEADA (III) – RIR-SE, FAZER RIR, MODOS DE RIR	165
1. O <i>Dom Quixote</i> , paródia de outros livros: modos de um diálogo onde a crítica se mistura com afecto	167
2. Os risos do <i>Dom Quixote</i> e o riso de Cervantes	169
3. Do riso que castiga ao riso que consola	175

Segunda Parte

PORTUGUESES E AUTORES DE FICÇÕES

VI – ALMEIDA GARRETT: OS CAMINHOS DE CERVANTES – – MODOS DE CRITICAR	185
1. <i>Viagens na Minha Terra</i> : um <i>Dom Quixote</i> romântico, «a posada do Cervantes» e uma novela interpolada à maneira cervantina	185
2. <i>Magriço ou Os Doze de Inglaterra</i> : cavaleiros andantes e gargalhadas moralíssimas	198
3. <i>O Arco de Sant’Ana</i> : romance de «manuscrito achado» nos passos do editor de Cide Hamete	207
3.1. «A autoridade irrefragável do nosso manuscrito dos Grilos»	210
3.2. «Dez anos esteve Cervantes...»	217
3.3. «Amigo leitor: – a culpa não é minha»	221
3.4. «Senhor Historiador» – o estatuto do Autor	225
4. <i>O Arco de Sant’Ana</i> : as aventuras de um herói cavaleiresco	231

VII – CAMILO CASTELO BRANCO: BIÓGRAFO, TRADUTOR E CRÍTICO DE CERVANTES.....	241
1. Camilo, à procura de «provas»: «Manuel de Sousa Coutinho e Miguel de Cervantes».....	241
2. Camilo, quase tradutor do <i>Dom Quixote</i>	253
VIII – CAMILO CASTELO BRANCO: CERVANTES, «CAMARADA» E «MESTRE».....	261
1. Das vozes da crítica a <i>No Bom Jesus do Monte</i>	261
2. Os primeiros textos: <i>Dom Quixote</i> , modelo de cavaleiro andante	272
3. <i>Memórias d'Além da Campa d'Um Juíz Eleito</i> : Cervantes, modelo para um historiador satírico; e Camilo, editor do manuscrito de um Miguel de Cervantes português	282
4. <i>Aventuras dum Surdo</i> : <i>Dom Quixote</i> , modelo do poeta enamorado	297
5. <i>A Sereia: La Gitanilla</i> , modelo para uma heroína romântica..	302
6. <i>A Queda dum Anjo</i> : um herói quixotesco ou um «autor» e narrador cervantesco?	306
6.1. Das diferenças (muitas e importantes) entre Calisto Elói e <i>Dom Quixote</i>	308
6.2. O «autor» d' <i>A Queda dum Anjo</i> : pelos caminhos da literatura em busca da sua relação com a vida	319
7. Depois d' <i>A Queda</i>	323
EPÍLOGO – PARA UM FUTURO	327
BIBLIOGRAFIA	331
ÍNDICE DE AUTORES E DE OBRAS LITERÁRIAS.....	355

Eu próprio fui leitor deste livro e encontrei-me guiado por umas poucas interrogações a partir das primeiras páginas. Confesso uma vez mais, porque já o disse noutras ocasiões, que é o melhor modo de enfrentar o desafio tão difícil, e a campo incenso, da Literatura Comparada. Os objectos que se amontoam no grande mercado, nesse bazar maior da literatura ocidental, ou europeia, ou portuguesa são incontáveis e arbitrariamente disponíveis. Mas umas perguntas constituintes, como as que orientam este livro, ardeiam a confusão latente e fazem vibrar de capitulo em capitulo os temas de investigação.

Três comprovando, assim, leitor, que nos encontramos perante uma investigação de Literatura Comparada, e não só porque o assunto principal é a presença ou co-presença de Cervantes no Romantismo português. A autora começa por introduzir-nos no âmbito do século XIX europeu,